

PROGRAMA EDUCATIVO

A imagem da intuição

«A imagem da intuição», enquanto Programa Educativo, aborda a fotografia desde a fruição, a subjetividade e o pensamento crítico com a finalidade de experimentar criativamente em *mise en abyme* ou outras formas de criação, com a imagem das imagens. Todas as atividades têm lugar no Círculo Sede.

Encontro
21 minutes pour une image,
com José Maças de Carvalho
e Daniel Madeira
07 FEV sábado 16h30
Gratuito

Laboratório de Criação
A Imagem das Imagens,
com Ana Catarina Pinho
28 FEV sábado 14h30–17h30
Limitado a 10 participantes / Valor 8 €

Workshop & Experiência Criativa
Imagens e significações,
com Isabel Calado
14 MAR sábado 14h30–17h30
Valor 8 €

Visitas à exposição

Mediação e convivência criativa com
as escolas, com Jorge Cabrera
20 JAN–20 MAR, terça a sexta-feira,
10h00–16h00
1h30 a 2h00 de duração
Gratuito (inclui materiais)

Visitas orientadas com o público,
com Jorge Cabrera
Programadas a 31 JAN, 14 FEV e 07
MAR, sábados, 16h00–17h00
Gratuito

Informações e inscrições



HORÁRIO
Terça a sábado
14h00 às 18h00
Encerrado nos feriados

ORGANIZAÇÃO
Círculo de Artes Plásticas de
coimbra

ARTISTA
José Maças de Carvalho

CURADORIA
Daniel Madeira

**COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO**
Daniel Madeira
Lisiane Mutti

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Daniel Alves da Silva
Fernando Oliveira

ASSISTÊNCIA À PRODUÇÃO
Ivone Antunes

COMUNICAÇÃO
Isabel Campante

**ASSISTÊNCIA À
COMUNICAÇÃO**
Daniel Alves da Silva
Fernando Oliveira

MONTAGEM
Jorge das Neves (coordenação)
Marco Graça
Fernando Oliveira

IDENTIDADE GRÁFICA
João Bicker
Alexandra Oliveira

DESIGN GRÁFICO
Lucas Yamamoto

TEXTO
Daniel Madeira

REVISÃO
Carina Correia

TRADUÇÃO
José Roseira

**COORDENAÇÃO DO
PROGRAMA EDUCATIVO**
Jorge Cabrera

APOIOS INSTITUCIONAIS
Direção-Geral das Artes
Rede Portuguesa de Arte Con-
temporânea (RPAC)
Câmara Municipal de Coimbra
Universidade de Coimbra
Ministério da Cultura, Juventude e Desporto da República Portuguesa
Fundação Oriente
Gamut
Tintas Robbialac

AGRADECIMENTOS
Carlos Mimoso
Carlos Robalo Cordeiro
Cláudio Melo
David Santos
Galeria Carlos Carvalho
Isabel Mendes
João Amorim
Odilon Amado
Tiago Madeira

CAPC

DIREÇÃO
Carlos Antunes
Désirée Pedro
Valdemar Santos
Pedro Pousada
Ana Felino

ASSEMBLEIA GERAL
António Olaio
Luísa Lopes
Manuela Azevedo

CONSELHO FISCAL
João Bicker
Ivone Antunes
Joana Monteiro

CONSELHO ARTÍSTICO
António Olaio
Pedro Pousada

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Daniel Madeira

DIREÇÃO FINANCEIRA
Rafael Vaz André | Abilis

**COORDENAÇÃO ADMINISTRA-
TIVA E FINANCEIRA**
Lisiane Mutti

FOTOGRAFIA
Jorge das Neves

CÍRCULO SEDE
Rua Castro Matoso, 18
3000–104 Coimbra

CÍRCULO SEREIA
Casa Municipal da Cultura, piso -1
Parque de Santa Cruz, Jardim da
Sereia
3000–401 Coimbra

**HORÁRIO DE
FUNCIONAMENTO**
Terça a sábado,
14h00 às 18h00

MUSEU
Av. João das Regras, 28
Praça Cortes de Coimbra
24 horas, todos os dias

CONTACTOS
+351 910 787 255
geral@capc.com.pt

21 minutes pour une image

José Maças de Carvalho

Curadoria
Daniel Madeira

Exposição
17/01/2026
21/03/2026
→ Círculo Sede

Círculo

de Artes
Plásticas
de Coimbra

José Maçãs de Carvalho (1960) é artista, curador e professor universitário. É doutorado em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (UC), desde 2014; estudou Literatura na década de 1980 na mesma universidade, e Gestão de Artes na década de 1990, em Macau, onde trabalhou e viveu. É professor no Departamento de Arquitetura e Diretor do Colégio das Artes da UC. É investigador integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da UC e Consultor da Rede Portuguesa de Arte Contemporânea-DGArtes.

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Oriente, Instituto Camões e Centro Português de Fotografia. Em 2003, comissariou e projetou as exposições temporárias e permanentes do Museu do Vinho da Bairrada, Anadia; em 2005, comissariou *My Own Private Pictures*, na Plataforma Revólver, no âmbito da Lisboa Photo. Foi nomeado para o prémio BES Photo em 2005 (2006, CCB, Lisboa) e para a *shortlist* do prémio de fotografia Pictet Prix, na Suíça, em 2008.

Entre 2011 e o presente, tem realizado várias exposições individuais em torno do tema da sua tese de doutoramento (arquivo e memória): no CAV, Atelier Concorde, Colégio das Artes, Galeria VPF, Arquivo Municipal de Fotografia, Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira, Museu do Chiado e MAAT-Fundação EDP. Publicou o livro *Unpacking: a desire for the archive* pela Stolen Books, em 2014.

Em 2015, foi publicado um livro de fotografias suas intitulado *Partir por todos os dias*, na Editora Amieira. Em 2016, participou no livro *Asprela*, fotografia sobre o campus universitário do Porto, editado pela Scopio Editions e ESMAE/IPP. Em 2017, publicou o livro *Arquivo e Intervalo*, no âmbito da sua exposição *Arquivo e Democracia*, no MAAT, numa edição Stolen Books/Colégio das Artes-UC.

Desde 2020, como curador do Centro de Arte Contemporânea de Coimbra, organizou diversas exposições, sendo de relevar o projeto curatorial *Um silabário por reconstruir*, em Coimbra, Elvas, Óbidos e Porto, em 2025 e 2026, no âmbito da candidatura aos primeiros apoios da RPAC.



S/título (canon, hk), 2026

Está representado nas seguintes coleções de arte: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Encontros de Fotografia de Coimbra, Encontros da Imagem de Braga, Fundação Oriente, Instituto Português do Oriente, RAR Holding, Coleção António Cachola, Coleção Figueiredo Ribeiro, Coleção Norlinda e José Lima, Fundação PLMJ, Coleção Armando Martins, Coleção Pinto da Fonseca, Coleção J.L.M., Coleção Odilon Amado, Coleção Associação Industrial Portuguesa, Fundação EDP, Coleção BES/Novo Banco Art, Coleção LR, Coleção ER, Coleção Agatha Ruiz de la Prada, Coleção Paco Barragan, Coleção Rita e Gonçalo Lima, Coleção Isabel e Carlos, Coleção Luís Negrão e Família, Coleção Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Coleção Berardo, Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE).

21 minutes pour une image

Com origem em diferentes fases da prática artística de José Maçãs de Carvalho — desde obras já existentes até criações inéditas —, os trabalhos aqui expostos revelam-se na tensão entre a imagem fixa e a imagem em movimento, evitando um comprometimento total com qualquer possibilidade de polarização. A fotografia e o vídeo não se afirmam como campos opostos, mas como regimes visuais em fricção contínua, onde a imagem se pensa enquanto duração, deslocamento e relação. Neste território instável, os conceitos de unicidade e eternidade entram subitamente em contradição, colocando em crise a ideia de uma imagem autónoma e definitiva.

O caminho traça-se a partir da impossibilidade de a fotografia existir numa ontologia singular. A imagem é forçada à convivência — súbita ou planeada — com um seu semelhante. Dessa relação, emerge uma visualidade invisível. A fotografia, enquanto imagem, manifesta-se assim como uma aparição intersticial e intuitiva, mais próxima de um acontecimento do que de um objeto fixo.

Vinte e um minutos para uma imagem são milhares de imagens. Esta afirmação factual evidencia a dimensão temporal que atravessa qualquer experiência visual. Um vídeo é composto por uma sucessão vertiginosa de fotogramas, tornando explícito que a imagem em movimento não substitui a imagem fixa, mas, antes, a multiplica, fazendo do próprio devir matéria imagética. Falar de intersticialidade é, por isso, falar também de sobrevivência: da imagem que resiste à saturação, à aceleração e ao consumo contínuo do visível.

Importa refletir, neste contexto, nesta imagem da imagem e no gesto — inevitavelmente hierarquizante — a que a submetemos diariamente. Atribuímos valor, permanência ou esquecimento às imagens de forma quase automática, condicionando a nossa relação com o que vemos — a exposição propõe uma suspensão desses automatismos. A imagem pode surgir da série ou pode forçá-la. A sua vizinhança pode ser construída ou ocasional, regulada ou accidental. Nestes movimentos, a fotografia passa a existir mais ou menos em detrimento de si própria, cedendo lugar a uma intuição que se faz imagem.

Não se trata de representar o real, mas de estabelecer com ele uma relação adúltera, apenas porque reconhecemos estar perante uma narrativa da narrativa, um seu duplo: pérfido, armadilhado, deslocado. Ainda assim, não deixamos de ser afetados pelas suas derivas e tentações. Mesmo quando sabemos que estamos perante um artifício, o olhar cede. As obras expostas revelam, assim, a fragilidade da nossa posição enquanto espectadores e a persistência do desejo de acreditar na imagem.

Entre o fixo e o móvel, entre o único e o múltiplo, estes trabalhos propõem uma experiência de atenção prolongada que demonstra o potencial inesgotável da imagem.

—Daniel Madeira